

IDIOMA SESI SOB MEDIDA: UMA SOLUÇÃO ÀS INDÚSTRIASⁱ

Tailored English: an industry solution

Janaína Coelho Adão¹
Ana Luísa de Oliveira e Silva²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo mostrar os resultados do projeto *Idioma SESI Sob Medida* a fim de divulgar essa prática como uma metodologia de ensino de idiomas adaptada às necessidades das indústrias. Para atingir esse objetivo, o artigo apresenta todas as etapas e resultados do projeto, desde a relação sindical até o impacto na produtividade dos trabalhadores das indústrias paranaenses envolvidas com os cursos pilotos do projeto. O presente artigo também apresenta a fundamentação teórica na qual todo o projeto foi desenvolvido, portanto, há a revisão dos conceitos da abordagem comunicativa e do ensino de línguas com objetivos específicos.

Palavras-chave: Indústria, Ensino, Língua estrangeira.

Abstract: *The present article portrays the results of the Tailored Languages Project, aiming to spread this practice as a teaching methodology adapted to the needs of industries. This article also shows the project steps, from syndical relations to the productivity impact of the Paraná industries employees, which are involved in the project's pilot courses. The present article also comments about the theoretical foundations in which all the project was developed, therefore there is a review about the Communicative Approach and English Teaching with Specific Purposes.*

Keywords: *Industry, Teaching, Foreign language.*

¹ Graduada em Letras Português. Inglês e suas Respectivas Literaturas (Univali-SC), Analista Técnica (SESI PR). Autora do Artigo. Contato: janaína.adão@sesipr.org.br

² Mestre em História Social (USP), Especialista em Ensino de Línguas Estrangeiras (UTFPR), Analista Técnica de Língua Inglesa (SESI PR). Orientadora do Artigo. Contato: ana.silva@sesipr.org.br

INTRODUÇÃO

Em 2009 iniciou o programa *trainee* no Sistema FIEP (Federação das Indústrias do Estado do Paraná), com a finalidade de aderir novos profissionais alinhados com os valores do Sistema para a construção de projetos estratégicos de cunho inovador para a o Sistema FIEP. Cada projeto tinha o princípio de ter um potencial de replicabilidade para todas as unidades do Sistema no estado do Paraná. Além de todas essas premissas, o projeto teria também que visar à sustentabilidade, cumprir suas metas e seus compromissos com a sociedade, causa com a qual o Sistema FIEP está comprometido.

Partindo desse programa surge, na Gerência de Educação do SESI do Paraná, o projeto Idioma SESI Sob Medida para complementar as ações do Centro de Línguas e Culturas SESI, com uma nova categoria que visa ao atendimento customizado à indústria e ao sindicato paranaense, no que tange ao ensino de idiomas na Indústria.

Em 2010, o projeto foi aplicado com dois cursos pilotos, elaborados com base na demanda dos sindicatos: Sindirepa PR (Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado do Paraná) e Sindimetal PR (Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado do Paraná). No segundo, o curso destinou-se à empresa filiada Fecial Indústria e Comércio Ltda. Esses dois cursos pilotos trouxeram uma série de informações que traçaram o caminho para uma metodologia de ensino de idiomas mais prática e útil à jornada de trabalho dos profissionais da indústria.

Uma vez registrados todos os resultados aqui apresentados, justifica-se a criação do produto Idioma SESI Sob Medida que, em 2011, começa a ser disseminado para todas as unidades paranaenses, tornando-se um produto ainda mais acessível à indústria e aos sindicatos.

1. O PROBLEMA

Ao pesquisar sobre as demandas atuais das indústrias paranaenses, foi constatado que algumas empresas que estavam obtendo um crescimento muito rápido buscavam novas tecnologias para atender as suas demandas. Com isso, verificou-se que a ideia de se criar um produto que proovesse soluções para os segmentos industriais era necessária e estratégica ao Sistema Federação das Indústrias do Estado do Paraná.

Nesse processo, foi identificada uma lacuna linguística, pois a tecnologia desenvolvida no exterior podia ser perfeitamente aplicável nas indústrias paranaenses, com exceção dos idiomas de instrução que nelas eram utilizados.

Necessitando da compreensão dessa tecnologia, as empresas em desenvolvimento utilizavam indevidamente a tecnologia adquirida, devido a problemas de compreensão da linguagem do produto. Ao buscar por técnicos altamente capacitados, além de um custo abusivo, a indústria corria o risco de ser vítima de espionagem industrial.

Em vista desse problema, o produto referente ao ensino de línguas deveria ser focado nas necessidades apontadas pelos próprios industriários e sindicatos industriais. Considerando essa característica, a linha de estudo de Ensino de Línguas para Fins Específicos serviu de embasamento teórico para suprir essa necessidade.

2. ENSINO DE IDIOMAS COM FINS ESPECÍFICOS – LINHA DE ATUAÇÃO

O termo vem da língua inglesa, *English for Specific Purpose*, e, embora já tivesse indícios do ensino de línguas para fins específicos antes dos anos 1950, essa modalidade de ensino obteve maior destaque por volta dos anos 1960 e 1970, devido aos fluxos migratórios, o que a tornou conhecida como “inglês para adultos”. Este público-alvo trouxe necessidades concretas e específicas ao ensino de línguas devido ao caráter profissional e pela necessidade de se comunicar ao ficar alojado em outro país. De acordo com Babo (1999), desde essa época já se pode constatar os procedimentos do ensino de línguas para fins específicos.

Só através da análise das necessidades parece possível conhecer um dado público. Esta análise deverá preceder a definição de objectivos de formação, variáveis segundo os interesses e os sectores da actividade. (BABO, 1999:242)

Tendo em vista que a língua que aprendemos varia consideravelmente de um contexto a outro, o grande salto para o ensino de línguas específico foi quando ficou constatado que, por exemplo, o inglês que se ensinava aos engenheiros não era o mesmo que se ensinava no meio empresarial. A partir dessa visão, pode-se perceber que cada grupo particular de alunos pode ser identificado em meio às características linguísticas específicas de suas áreas de estudo e/ou trabalho (HUTCHINSON & WATERS, 1983).

Como essa metodologia é baseada nas necessidades dos alunos de línguas, Hutchinson & Waters (1983:7) costumam dizer que a frase “Diga-me para quê precisa de inglês, que te direi que inglês você precisa” é o princípio norteador do ESP (*English for Specific Purpose*).

Uma das maiores críticas que se tem sobre o ensino específico é justamente que ele, mesmo surgido após a onda da abordagem comunicativa, desassocie língua de cultura. De acordo com Babo (1999:241), o foco do ensino específico de línguas engloba todo o conteúdo que não pertence ao domínio do ensino de língua geral. Desta forma, o ensino específico não tem o propósito de formar bilíngues.

Essa modalidade de estudo de línguas possibilitou que o ensino de idiomas preenchesse as lacunas que um curso de línguas regular geralmente ocasiona na aprendizagem; no caso aqui apresentado, da linguagem técnica industrial. O fato do ensino de línguas para fins específicos não formar bilíngues, mas sim uma determinada competência solicitada pela indústria, é um aspecto fundamental para que o curso de línguas seja sucinto e objetivo, sendo, portanto, um elemento fundamental para a motivação dos alunos que precisam sentir os resultados de seu aprendizado durante sua rotina de trabalho.

Mesmo com as contribuições dessa linha de estudo, o produto destinado às indústrias teria que ter uma identidade própria, um diferencial que o tornaria um curso de línguas mais moderno, e que contemplasse os avanços linguísticos desenvolvidos pelo setor que encubou o projeto. Com o viés da Abordagem Comunicativa, a Metodologia Participativa surge, nesse contexto, para agregar valor ao projeto, validando-o com a marca do Centro de Línguas e Culturas SESI.

3. O CENTRO DE LÍNGUAS E CULTURAS SESI

Em 2006 foi criado o *Centro de Línguas e Culturas SESI*, como uma vertente da Educação Continuada para atender as demandas internas do Sistema Federação das Indústrias do Estado do Paraná no que se refere a idiomas estrangeiros. Dentro das diversas atuações do Centro de Línguas e Culturas SESI, notou-se a necessidade de expandir os serviços para as indústrias e sindicatos industriais. Nessa expansão, surge o *Projeto Idiomas SESI Sob Medida*, descrito neste artigo.

Ainda que os cursos do projeto sejam oferecidos com um perfil técnico, as aulas obedecem aos preceitos da Abordagem Comunicativa. Dentro desta abordagem, o curso trabalha com a

Metodologia Participativa, desenvolvida pelo Centro de Línguas e Culturas SESI, que é um fator chave para impulsionar o aluno a conversar e a interagir com os colegas no processo de aprendizado. Esse diferencial torna o ensino de línguas para a indústria um processo natural, dinâmico e prático para o aluno (SESI, 2008).

4. O PROJETO

Em vista das demandas identificadas, o projeto foi destinado a trabalhadores das indústrias paranaenses, um público diversificado com relação a cargos e salários, mas predominantemente formado por homens. A principal missão do *Idioma SESI Sob Medida* foi tornar acessível o curso de idiomas para trabalhadores das indústrias, incentivando o interesse pelo aprendizado de línguas estrangeiras por meio da promoção de cursos rápidos, práticos e úteis, que permitissem uma familiarização com o aprendizado de línguas estrangeiras. Os principais valores desta ação foram o dinamismo, a inovação e a eficácia dos cursos do projeto.

Para proporcionar ao trabalhador e ao proprietário da indústria o ensino de línguas estrangeiras adaptado ao seu setor industrial, foi necessário elaborar o material das aulas por meio de documentos em outros idiomas usados no ambiente profissional. Outras ações imprescindíveis para alcançar o objetivo foram: inserção do ensino do idioma em aulas técnicas, conscientização do trabalhador sobre a importância do aprendizado da língua estrangeira e a disponibilização do ensino de línguas estrangeiras aos trabalhadores e proprietários industriais em locais mais acessíveis ao público-alvo.

Para a realização dessas ações, foram elaboradas cinco etapas para a aplicação do projeto, que serão apresentadas na próxima seção.

5. METODOLOGIA

A execução do projeto contou com cinco etapas, sendo a primeira o contato com os sindicatos para a identificação de demanda específica. A segunda etapa foi a negociação com a empresa e com o sindicato envolvidos no projeto. No terceiro momento, ocorreu a formatação do

curso; em seguida, sua aplicação e, como última etapa, houve o encerramento das atividades com os parceiros.

5.1. CONTATO COM O SINDICATO: IDENTIFICAÇÃO DE DEMANDA

Nessa etapa, foi necessário determinar quais seriam os sindicatos que detinham mais demandas com relação ao ensino de línguas para a melhoria dos processos industriais. Para tal, a Coordenação de Negócios do SESI Paraná apontou oito Sindicatos que sinalizavam esse interesse. Dentre esses, dois sindicatos foram selecionados para as turmas pilotos: o Sindirepa e o Sindimetal.

5.2. NEGOCIAÇÃO

Nessa fase, foram realizados os primeiros contatos com os sindicatos interessados no projeto. O Sindirepa fez uma solicitação para um curso voltado aos gestores de várias oficinas; já o Sindimetal indicou uma indústria filiada, a Fecial Indústria e Comércio LTDA.

Após identificar exatamente as necessidades da empresa, por meio de uma Ficha de Identificação de Demanda, foi realizado um cronograma de atividades, no qual ficaram definidas as datas de início e término do curso. O insumo recebido pelos clientes do produto deu base para que fosse realizada a próxima etapa, a Estruturação do Curso.

5.3. ESTRUTURAÇÃO DO CURSO

Essa fase teve início com a elaboração de uma Proposta Pedagógica que utilizou o insumo adquirido na conversa com a empresa para estruturar um curso que atendesse às necessidades do cliente. O processo de identificação do perfil do professor, sua contratação e treinamento também foram contemplados nessa etapa.

5.4. APLICAÇÃO DAS AULAS

Essa fase iniciou com as visitas técnicas, em que o professor contratado teve que captar as necessidades dos trabalhadores industriais e trabalhar com essas temáticas em forma de conteúdo para as aulas. Após essa constatação, o professor elaborou todo o material didático e plano de aulas, com a supervisão do gestor do projeto.

No primeiro momento da aula ocorreu o teste de nivelamento de língua inglesa, o qual teve como objetivo constatar o nível do idioma da turma. A partir desta constatação, ajustes mais sutis

do curso foram feitos, como a adição ou redução de materiais de apoio e exercícios de fixação para alguns conteúdos, assim como o detalhamento maior ou menor de determinado assunto.

Um dos eventos do primeiro dia de aula foi a cerimônia de abertura. Essa cerimônia uniu os representantes da empresa e/ou sindicato e do SESI para conversarem com os alunos sobre a importância da abertura do curso para a turma.

5.5. ENCERRAMENTO DO CURSO

A conclusão dos cursos pilotos, assim como a abertura, também seguiu uma tradição, a do momento de comemoração e valorização do aluno, por meio de uma breve cerimônia de encerramento, em que todos os responsáveis, SESI, empresa e/ou sindicato, estiveram presentes. Após as palavras de incentivo e encorajamento que todos os representantes deram aos alunos formados, houve a entrega de certificados, que culminou na comemoração da conquista de cada aluno por ter concluído o curso.

Após esse momento, a empresa e/ou o sindicato também se comprometeram a aplicar o “questionário de avaliação pós-curso”, que verificou a efetividade das aulas após 30 dias do término do curso, para que os representantes pudessem observar sua real utilidade na rotina dos trabalhadores.

6. PILOTO I – RESULTADOS

Para que se adquira uma visão mais abrangente dos resultados do Piloto I, esta seção apresenta o relato da experiência, em tópicos, para que seja possível acompanhar o processo de concepção, construção e encerramento do curso Piloto I.

6.1. COMO SURTIU O CURSO?

O curso “Busca de Informações Técnicas em Língua Inglesa” foi uma experiência bastante inovadora e, portanto, desafiadora para o Sindirepa e para o SESI. Ao constatar que os gerentes de oficina mecânica não estavam buscando soluções tecnológicas para suas empresas, aliado ao fato que, na área de mecânica automobilística, muitas peças e partes de carro estavam em língua inglesa, notou-se a necessidade do desenvolvimento de duas competências neste público.

A primeira foi a de utilizar a evolução da tecnologia para encontrar a solução de problemas, e a segunda foi a de conhecer e interpretar a língua inglesa básica para encontrar informações em outros idiomas para aprimorar os serviços de oficinas mecânicas de reparos automobilísticos.

Com isso, surgiu o curso “Busca de Informações Técnicas em Língua Inglesa”, que teve como objetivo capacitar gestores de oficinas mecânicas automobilísticas para efetuar buscas e realizar compras pela internet em língua inglesa.

Para que fosse possível atingir esse objetivo, foi necessário que o aluno soubesse como operar computadores para utilização de ferramentas de navegação na internet, utilizando sites de busca para pesquisar sobre mecânica automobilística em língua inglesa. Além disso, foi importante que o aluno soubesse utilizar o e-mail enquanto ferramenta de comunicação para obter e interpretar informações nos *sites* referentes ao vocabulário simples e técnico em língua inglesa e, por fim, ser capaz de escrever pequenos textos para solicitação de material de mecânica automobilística em língua inglesa.

O Curso teve início em 26 de julho de 2010, ocorrendo em forma de intensivo durante cinco dias, período este recomendado pelo Sindirepa PR. No total, o curso teve 15 horas de aula no horário noturno, carga horária ideal para que os gestores de oficina mecânica pudessem comparecer às aulas sem interferir em suas rotinas de trabalho.

A aplicação do projeto ocorreu no Bairro Boqueirão, localizado na cidade de Curitiba/PR, em um Laboratório de Informática disponibilizado pelo SENAI, parceiro do projeto. A escolha do local foi determinada pelo SINDIREPA PR, que solicitou que o curso ocorresse na localidade próxima a maior concentração de oficinas mecânicas da cidade de Curitiba. Além da proximidade com tais oficinas, o curso ocorreu dentro da Unidade do SENAI, que oferecia curso de Mecânica Automobilística, o que contribuiu para a disseminação de informações sobre o curso para o público-alvo pretendido.

6.2. O PROFESSOR E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CURSO

Ao formatar o curso, um dos requisitos constatados foi que o profissional tivesse experiência com tradução de termos técnicos, assim como experiência em mecânica automobilística. O fato de o profissional possuir fluência na língua inglesa era outro ponto destacado. Para elaborar aulas, exercícios e o material didático, foi constatado que o profissional também teria que ter experiência como docente.

A busca por esse professor foi mais um desafio enfrentado, uma vez que encontrar professores de línguas estrangeiras com experiência em mecânica automobilística era mais difícil do que encontrar técnicos de ensino de mecânica automotiva com fluência em língua inglesa. Portanto, essa última opção foi validada, aliado ao fato de que um técnico de ensino em mecânica automobilística tinha bastante experiência na área, o que traria a credibilidade e confiança dos alunos que não tinham muito conhecimento em língua inglesa.

Assim que foi definido o perfil do professor do curso, seu recrutamento contou com o apoio do SENAI PR para a indicação de um profissional que atuasse no curso de Mecânica Automotiva, que tivesse fluência na língua inglesa e que estivesse disposto a enfrentar esse desafio. O SENAI PR logo identificou o único profissional da casa que atendia a esses requisitos: um técnico de ensino que já possuía cerca de 30 anos na área e que havia morado 15 anos nos Estados Unidos, trabalhando na área de mecânica automobilística para várias empresas multinacionais.

Assim que foi recebida a confirmação do professor para esse trabalho, foi elaborado um cronograma de acompanhamento de atividades, pois o profissional precisaria ser orientado e capacitado para ministrar aulas de língua inglesa dentro da Metodologia Participativa para o Ensino de Línguas e, conseqüentemente, da Abordagem Comunicativa. Esse processo foi realizado em conjunto com a pesquisa de conteúdo para a elaboração da apostila do curso.

O tempo de pesquisa e elaboração durou cerca de 30 horas para o professor. Já para a orientação do projeto, cerca de 20 horas foram necessárias para estruturar o conteúdo em uma apostila. Esse diálogo com o profissional foi essencial para que toda a linha de estudo e pesquisa proposta pelo curso fosse seguida fielmente. O profissional contava com mais 5 horas para a elaboração dos cinco planos de aula para que fosse possível ministrar as 15 horas de curso.

Uma vez concluída a etapa de elaboração do conteúdo e da apostila, os planos de aula foram analisados e discutidos com o professor, a fim de que dinâmicas e a Metodologia Participativa estivessem sendo trabalhadas em sala de aula.

6.3. IMPRESSÕES SOBRE AS AULAS

Mesmo sendo oferecido de forma gratuita, o número de inscritos totalizou 16 alunos. No entanto, dos 16 inscritos, a média de alunos em sala foi 5. Apesar do pequeno número de alunos, aqueles que possuíam o perfil de gestão de oficinas concluíram o curso.

O professor contou com a participação assídua dos alunos para conversar e retomar alguns nomes de peças de carro em língua portuguesa, utilizando essa experiência para introduzir a língua inglesa na temática do dia. Foi percebida, nesse momento, a escolha correta do profissional para este público-alvo, pois o “falar a mesma língua que o aluno” foi um importante fator para que os alunos se engajassem nas atividades em sala de aula.

Um dos exercícios mais significantes do material didático foi o círculo de diálogo, que propôs aos alunos que sentassem em círculo e conversassem sobre os problemas mais frequentes em suas oficinas. Com isso, o professor utilizava seu conhecimento para ensinar os termos técnicos em língua inglesa a partir dos problemas trazidos pelos alunos.

Na sequência, os alunos foram desafiados a fazer buscas na internet sobre soluções aos seus respectivos problemas frequentes e conseguiram encontrar algumas informações pertinentes a suas oficinas mecânicas. Alguns conseguiram, inclusive, especular compras de peças modernas pela internet.

6.3.1. Pesquisa de opinião Pós-curso

Como última etapa da metodologia do curso, 30 dias após o término das aulas, foi enviado um questionário aos ex-alunos sobre a *contribuição do curso para a sua rotina de trabalho*, uma forma de avaliar o impacto real do curso em suas rotinas.

Dos quatro alunos que responderam a pesquisa, 50% afirmou que o curso foi útil para o desempenho no trabalho e que utiliza o que aprendeu nas aulas em seu dia a dia. O restante respondeu negativamente, sendo que um deles justificou que fez o curso com a intenção de agregar conhecimento e não para melhorar seu desempenho no trabalho, pois a empresa em que trabalha atende somente carros nacionais. No entanto, esse aluno afirmou que já recomendou esse curso para outros profissionais, citando o nome da empresa para a qual indicaria o curso, e que faria o curso novamente se houvesse disponibilidade.

O outro ex-aluno que respondeu à pesquisa comentou que o curso não foi útil ao seu desempenho no trabalho, pois já possuía conhecimento sobre o que foi apresentado nas aulas e acha que o curso não deu tanto suporte para realizar suas atividades. Sendo assim, o ex-aluno não recomendaria o curso a outros profissionais, mas gostaria de fazer o mesmo curso em um nível mais avançado.

Dos que responderam à pesquisa positivamente, ambos disseram que recomendariam o curso para outros profissionais e um deles assinalou que faria o mesmo curso novamente.

7. PILOTO II – RESULTADOS

Assim como na sessão anterior, a descrição do curso Piloto II ocorrerá com as mesmas subdivisões do Piloto I.

7.1. INÍCIO DO CONTATO

Ao conversar com o Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado do Paraná, a empresa foi rapidamente identificada para a implantação do segundo curso piloto do projeto.

Logo durante a primeira reunião com a empresa, foi verificado o problema pelo qual estavam passando: a Fecial Indústria e Comércio Ltda, uma empresa nova e de médio porte, com apenas 100 funcionários, estava obtendo um crescimento muito rápido nos últimos anos. Ao começar a fornecer produtos para empresas de grande porte localizadas no Brasil e no exterior, a Fecial teve que modernizar suas estruturas para conseguir aumentar sua produção.

Uma saída para isso foi a compra de uma máquina robô alemã, chamada *Flexus*, para garantir aos seus clientes os produtos em menos tempo e com mais qualidade. Essa tecnologia comprada da Alemanha era a última geração disponível no mercado, fazendo com que a empresa dispendesse um grande investimento para essa nova aquisição, de forma que os funcionários teriam que se modernizar, juntamente com a tecnologia adquirida.

Localizada no Município de Araucária, Estado do Paraná, a empresa contava com a mão de obra local. Cursos de aperfeiçoamento linguístico, como cursos de idiomas, nem sempre são acessíveis aos trabalhadores, tendo em vista a carga horária por turnos estabelecida pela indústria. Ciente disso, logo na primeira semana que receberam a máquina, o gerente de produção da empresa notou que toda a sua instrução, inclusive as mensagens de segurança do robô e os treinamentos fornecidos pelos técnicos alemães, eram em língua inglesa. Esse empecilho linguístico restringia o manuseio da máquina, centralizando grande parte das tarefas referentes ao robô para trabalhadores bilíngues.

Dois funcionários da empresa, sendo esses o Gerente de Produção e um técnico que estava aprendendo língua inglesa em um curso de idiomas, eram os únicos bilíngues da linha de produção. A qualidade de vida do gerente e desse funcionário estava seriamente comprometida, visto que ambos não conseguiam dormir 6 horas por dias, devido ao sistema de segurança da máquina que parava a produção toda a vez que surgia algum problema. A mensagem de solução desse problema aparecia em língua inglesa e sua interpretação era essencial para que o incidente fosse resolvido.

Baseado nesse histórico foi realizada uma visita técnica à empresa com duas professoras de língua inglesa do Centro de Línguas e Culturas SESI para identificar as principais necessidades da indústria com relação à máquina estrangeira, a fim de que fosse estruturado um curso de língua inglesa técnica para os funcionários da empresa.

Já na primeira visita, um dos alemães que faziam os treinamentos técnicos da máquina estava presente. O fato de ter sido possível conversar com um deles facilitou a identificação do exato tipo de língua inglesa que seria necessária para o aprendizado dos funcionários.

Ao acompanhar a rotina dos trabalhadores por dois dias, as professoras fizeram anotações sobre os procedimentos necessários para o andamento dos projetos, que serviu de subsídio para estruturar o curso.

7.2. O CURSO

Ficaram definidos três módulos para esse curso, totalizando 40 horas de aula. O primeiro módulo abordou a introdução à língua inglesa e o início de aquisição dos vocabulários da máquina. Nessa interação, seriam utilizadas algumas técnicas da Metodologia Participativa para que os funcionários se familiarizassem com o idioma.

7.2.1. Módulo I

A primeira aula foi muito interessante, pois os funcionários puderam compreender a importância do curso para o desempenho de suas atividades na empresa. Os donos e o gerente de produção estavam presentes na abertura do curso e, juntamente com a Gerente de Educação do SESI, representante do Sindimetal e com as analistas do Centro de Línguas e Culturas SESI, reforçaram a importância do curso para a empresa, conscientizando os alunos sobre a relevância do aprendizado de outros idiomas.

No entanto, um dos problemas identificados era que, dos 22 alunos da turma, apenas 7 trabalhavam diretamente com a máquina, o que distanciava a realidade dos demais funcionários da proposta do curso. No entanto, a empresa justificou que seria interessante que mais pessoas fossem capacitadas em linguagem técnica para que pudessem realizar o *turnover* posteriormente.

Outro obstáculo enfrentado foi o desnível linguístico dos alunos, constatado no nivelamento realizado na primeira aula. Por possuir um foco de linguagem técnica, havia alunos com nível avançado a iniciante de língua inglesa.

Essas constatações fizeram com que a equipe técnica do Centro de Línguas e Culturas SESI pensasse em estratégias para abranger o curso e deixá-lo mais agradável e pragmático a todos os alunos. Uma nova revisão dos módulos e conteúdos foi feita, com assuntos um pouco mais abrangentes, envolvendo a comunicação, cultura e hábitos de estrangeiros.

A turma ficou bastante envolvida com esses pequenos momentos de bate-papo sobre diferenças culturais. Além disso, atividades de elaboração de diálogos também foram realizadas, constando, em suas apostilas, uma pequena explicação de conteúdos de gramática a cada aula. Com essa estratégia de aplicação de conteúdos gramaticais diferentes a cada aula, a professora pode notar que os alunos adquiriram mais segurança no aprendizado.

Outra estratégia foi a determinação de trabalhos em grupo ou duplas à turma, para estímulo de troca de conhecimentos entre os alunos que possuíam mais conhecimento em língua inglesa e os que continham mais conhecimento técnico do maquinário.

Nomeado “*What is Flexus?*”, o primeiro módulo proporcionou informações básicas de linguagens de sala de aula e o início de reconhecimento de nomenclaturas da máquina *Flexus* em língua inglesa. A primeira aula deste item, “Conversando em Sala de Aula”, teve como objetivo conhecer melhor os alunos por meio de algumas dinâmicas de “quebra-gelo”, inspiradas no livro “Dinâmicas para o Ensino de Línguas” (2008), que impactaram positivamente todos os alunos, visto que muitos não estavam acostumados com atividades lúdicas no processo de ensino-aprendizagem.

7.2.2. Módulo II

No segundo módulo, os alunos ingressaram na área técnica. O objetivo principal do módulo foi a interpretação de termos técnicos e aquisição de vocabulário do maquinário. O Tema do Módulo era “*Alarms and Messages*”, ou seja, o foco do problema que a empresa estava enfrentando, pois eram as mensagens da máquina que provocavam a paralisação temporária da produção.

Ao final deste segundo módulo, os alunos começaram a aprender a comunicar as mensagens da máquina em língua inglesa aos demais, principalmente como resultado das atividades por desafio em grupo, inspiradas na proposta interseriada e transdisciplinar das Oficinas de Aprendizagem do Colégio SESI Ensino Médio (RIGON, 2010). Nessa proposta, os alunos são responsáveis pela busca de seu próprio conhecimento, pesquisando, trocando experiências com os demais colegas, favorecendo a criação de um ambiente colaborativo de ensino-aprendizagem.

Em vista da concepção sociointeracionista das Oficinas de Aprendizagem, nas atividades do Módulo II, a professora assumiu o papel de mediadora, apoiando os grupos de alunos na resolução de desafios que lançava com relação às mensagens da máquina *Flexus*.

A última aula do Módulo II serviu, também, de intermédio para iniciar o Módulo III. Ao trabalhar com a construção de sentenças para conseguir comunicar problemas sobre a máquina aos técnicos da Alemanha, a aula “*Communicating the Messages*” potencializou a prática da conversação em sala de aula que, durante o segundo módulo, estava voltada para a questão técnica, escrita e interpretativa.

7.2.3. Módulo III

O módulo três trouxe um pouco mais dos aspectos culturais e comunicativos da língua inglesa. Com a base técnica e gramatical que trabalharam no módulo anterior, nesse módulo os alunos começaram a se sentir mais à vontade para se expressar em língua inglesa.

Muitas surpresas apareceram nessa aula e se estenderam para todo o terceiro módulo, pois os alunos puderam utilizar todo o conteúdo que aprenderam nos módulos anteriores para se expressar em língua inglesa. Mesmo quando a atividade já havia sido concluída, alguns alunos mandavam e-mails para a professora, conforme as estruturas de texto de e-mail que tinham aprendido nos módulos.

Em uma das mensagens eletrônicas enviadas à professora, um aluno redigiu um texto em língua inglesa, no qual solicitava a apostila do módulo em formato digitalizado. Pediu também para que a professora corrigisse sua escrita, a fim de que ele pudesse aprender com esse processo. Esse quadro foi um reflexo da motivação dos alunos, que aumentava à medida que se sentiam mais seguros para se expressar no idioma estrangeiro. Muitas vezes, esperavam a aula terminar para perguntar à professora sobre alguma dúvida específica que tiveram durante seu dia a dia de trabalho.

7.3.1. Pesquisa de Opinião Pós-curso

Conforme o procedimento adotado no término do curso Piloto I, 30 dias após o término do curso *Inglês para Operação da Máquina Flexus*, o Analista de Recursos Humanos da empresa parceira aplicou os questionários fornecidos pela equipe técnica do Centro de Línguas e Culturas SESI aos funcionários que haviam participado do curso. Essa pesquisa teve como objetivo investigar o impacto do curso nos alunos, verificando qual foi a efetividade do curso para a rotina de trabalho dos alunos da empresa.

Em vista disso, constatou-se que 78% dos alunos que responderam a pesquisa apontaram utilizar o conhecimento que adquiriram no curso em seu dia a dia. Os 22% restantes disseram que não utilizavam o que aprenderam por não trabalharem com a máquina *Flexus* e por não terem tanto contato com a língua inglesa em suas atividades profissionais.

Quanto às aplicações do curso no cotidiano, 73% afirmaram utilizar o que aprenderam na operação da máquina *Flexus*. Desses 73%, 36% dos alunos foram mais específicos, dizendo que utilizaram o que aprenderam na leitura do manual da máquina, na interpretação de textos de alarmes e também em diálogos do dia a dia, visto que recebiam visitas de técnicos da empresa fornecedora alemã. Os demais 20% dos alunos do curso afirmaram utilizar o que aprenderam na produção e no desenvolvimento de novos produtos e 7% disseram que utilizaram principalmente o embasamento de conversação básica que foi trabalhado nas aulas.

A pesquisa também trouxe outro resultado surpreendente: todos os 18 alunos que responderam a pesquisa recomendariam o curso para outro colega e têm interesse em fazer uma continuação desse curso.

8. CONSTATAÇÕES E IMPRESSÕES SOBRE OS PILOTOS

No Curso *Inglês para Operação da Máquina Flexus*, foi constatado que, dos 22 alunos inscritos, 19 concluíram o curso e foram certificados. De acordo com as taxas de evasão em cursos do SESI para trabalhadores da indústria, esse curso apresentou uma das menores, com apenas 14% de alunos desistentes.

Ressalta-se, também, que o sucesso do curso foi resultado de uma ação coletiva, pois logo no início das aulas, pode-se constatar que os alunos estavam bastante motivados pela iniciativa da empresa em investir em sua equipe de trabalho.

As lideranças da empresa também tiveram papel fundamental no sucesso do curso, pois constantemente valorizavam e apoiavam o projeto, incentivando os alunos a comparecerem às aulas, acompanhando a ficha de frequência das aulas e fornecendo condições necessárias para que os alunos pudessem comparecer a todos os encontros.

Outro benefício constatado foi que as contribuições do projeto não atingiram somente a parte técnica, mas a comportamental. Os colaboradores da empresa que pertenciam a setores distintos passaram a ser mais colaborativos uns com os outros com relação à troca de conhecimentos técnicos e linguísticos.

9. CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROJETO

Em todo o seu processo, o Projeto Idioma SESI Sob Medida teve o cuidado de aderir somente aos embasamentos teóricos provenientes de experiências bem sucedidas na área de ensino, a fim de garantir a eficiência na aplicação de seus cursos pilotos. A preocupação em ouvir o cliente foi essencial para que os cursos pilotos apresentados neste artigo fossem criados especialmente para o seu público-alvo.

Hutchison e Waters (1987) postularam que o Ensino de Línguas para Fins Específicos é o “inglês” que o aluno precisa, e que pode ser diferente do inglês que muitas escolas querem ensinar, que o vestibular e as provas de mestrado querem atestar, e que a vivência no estrangeiro pode demandar.

Com essa consciência, o *Idioma SESI Sob Medida* teve sua base na Abordagem Comunicativa, mas nunca foi mais fiel a esta do que ao seu cliente, pois o propósito do projeto é assistir o cliente (a indústria), e somente este sabe exatamente o quê e para quê precisa do idioma estrangeiro. Nesta concepção, os alunos são responsáveis pela maneira pela qual serão ensinados, contando com a percepção do professor para identificar a melhor forma que aprendem.

Por ser um projeto para cursos voltados para o ensino de línguas para fins específicos, a intenção do *Idioma SESI Sob Medida* não é necessariamente formar bilíngues; como os cursos pilotos apresentados confirmaram, o projeto não formou falantes fluentes em língua inglesa. Todavia, os

resultados em números ainda são insuficientes para afirmar o que a vivência evidencia. Essa experiência apontou que alguns alunos não se fizeram bilíngues pelo curso, mas por eles mesmos em outras situações e ambientes.

Nesse contexto, a experiência do SESI PR em Oficinas de Aprendizagens trouxe a contribuição do ensinar o aluno a ter prazer em aprender, nem que para isso seja substituída uma metodologia, uma estratégia e, inclusive, uma abordagem. O ambiente de aprendizado está além da sala de aula, ainda mais quando se trata de assuntos diversos e complementares como os que foram contemplados no curso elaborado para o público industrial.

A flexibilidade, a abertura do aprendizado para o novo e a sensibilidade na individualização dos alunos são características que permitem que o profissional com fluência na língua estrangeira e experiência em docência possa elaborar o conteúdo do curso e ministrar as aulas, desde que também possua características de consultor e negociador, para que possa constatar as necessidades específicas do cliente e comunicar esses apontamentos de forma diplomática ao contratante (MONTEIRO, 2009).

Com essa pesquisa também foi percebido o grande esforço que o professor de ensino de línguas para fins específicos tem que ter, pois ele é o responsável pela constatação das necessidades, elaboração do conteúdo e é responsável por articular os conhecimentos de uma determinada área para alinhar ao ensino de idiomas. Sobretudo, o professor do *Idioma SESI Sob Medida* tem que estar ciente da diversidade de gênero, idade e conhecimento em que seus alunos possam se enquadrar, individualizando ao máximo as necessidades e estilos de aprendizagem de cada um.

Dados os resultados do projeto aqui apresentados, espera-se que haja a replicabilidade desta ação como produto ofertado pelas demais unidades SESI do Estado do Paraná às indústrias e sindicatos industriais. Sendo assim, o Centro de Línguas e Culturas SESI cumpre seu objetivo de capacitar trabalhadores de indústrias paranaenses em línguas estrangeiras, disseminando esse serviço a demais acadêmicos e instituições em todo o Brasil, para que a missão de impulsionar o crescimento do país rumo à internacionalização das indústrias oportunize trocas de tecnologias e processos inovativos, promovendo o bem-estar social e respeito à diversidade por meio da aproximação cultural do Brasil com os demais países do mundo.

REFERÊNCIAS

- BABO, M. A. M. M. *A Língua Estrangeira para Fins Específicos: Uma Língua Mutilada?* In: *Actas do 4º Encontro Nacional do Ensino de Línguas Vivas no Ensino Superior de Portugal*. Universidade do Porto, 1999.
- HUTCHINSON, T., A. WATERS. *English for Specific Purposes - a learning-centred approach*. Cambridge, Cambridge University Press, 1987.
- KRASHEN, S. *Second Language Acquisition and Second Language Learning*. Nova Iorque: Pergamon Press, 1981.
- MONTEIRO, M. F. C. *Representações de professores de inglês em serviço sobre a abordagem instrumental: um estudo de caso*. 2009. 93f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.
- PIAGET, J. *Introduction à l'Épistémologie Génétique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1950.
- RIGON, M. C. *Prazer em Aprender: o Novo Jeito da Escola*. Curitiba: Kairós: 2010.
- SESI. Departamento Regional do Estado do Paraná. *Dinâmicas para o Ensino de Línguas*. SESI/PR: Curitiba, 2008.
- VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

¹ Este artigo foi patrocinado pela Diretoria Regional do SESI-PR, do Sistema Federação das Indústrias do Estado do Paraná.